



Larvas de *Brithys crini*

A existência de determinadas espécies de borboletas noturnas numa dada área depende de vários fatores. Desde logo se o clima da região é “convitativo”, isto é, se não é muito quente para aquela espécie, ou se esta consegue resistir a invernos gelados. Por outro lado, o clima pode ser circunstancial e a existência da borboleta pode depender de estarmos “debaixo” da sua rota de migração.

No caso das borboletas se reproduzirem em Portugal, facilmente compreendemos que se uma larva for monoespecífica para uma dada planta, quer isto dizer, se só se alimentar de uma única espécie, e se essa mesma planta não ocorrer na região, muito dificilmente encontraremos essa borboleta nas nossas armadilhagens.

Utilizando exemplos de árvores, que são mais facilmente reconhecíveis, sabemos que os Teixos, *Taxus baccata*, se dão mais no Norte, nas montanhas, enquanto as Alfarrobeiras, *Ceratonia siliqua*, só existem praticamente no Sul. Se tivermos borboletas que se alimentam predominantemente destas plantas não é expectável encontrarmos umas no sul e outras no Norte, respetivamente.

Numa outra aplicação prática, quando temos duas borboletas muito parecidas, difíceis de distinguir, mas com uma dieta claramente distinta, podemos usar o nosso conhecimento na existência da flora local para identificarmos uma espécie em detrimento da outra.

Para isso contribuem estudos que cruzam plantas hospedeiras e dietas das larvas, como o do João Nunes (Nunes, 2021), que conseguiu fazer um levantamento para Portugal continental com dados que consolidam relações tróficas que já se conheciam para outras partes da Europa, mas também trazem novas relações entre planta e larva para Portugal.

É um pouco como as nossas armadilhagens. Uma armadilhagem, só por si não permite grandes conclusões, tirando as óbvias: as borboletas x, y e z foram avistadas numa localização em determinada data! Mas quando vistas ao longo do ano e comparadas com a distribuição geográfica da rede, já permite conclusões mais robustas: as borboletas x, y e z são observadas em toda a região de Portugal, durante os meses de Outono, ao contrário dos países do Centro da Europa onde são observadas no Verão.

Trabalhos como os do João Nunes são meritórios porque são raros, para terem alguma coerência obrigam a cobrir uma área bastante abrangente, e com isso tornam-se morosos e dispendiosos, principalmente se não tivermos verbas alocadas à nossa investigação. Felizmente temos plataformas digitais e aplicações que conseguem trazer novos dados e observadores.

Exemplos de duas espécies cuja relação entre planta e borboleta é muito restrita:

A espécie *Brithys crini* alimenta-se de *Pancratium maritimum* (narciso-das-praias).



A espécie *Eupithecia assimilata* alimenta-se de *Humulus lupulus* (lúpulo).



Artigo: Nunes, J. (2021). *New records of Lepidoptera hostplants from Portugal* (Insecta: Lepidoptera), SHILAP Revta. lepid., 49 (193): 5-19. DOI: [10.57065/shilap.322](https://doi.org/10.57065/shilap.322)

Imagens: *Brithys crini* © J. Teixeira; *Eupithecia assimilata* © João Nunes.